



## INSTITUCIONALIZAÇÃO E LINGUAGEM

JULIANA FANTATO HAYAKAWA

### RESUMO

Esta pesquisa, de natureza bibliográfica, tem como tema a aquisição de linguagem de crianças institucionalizadas em comparação crianças não-institucionalizadas. Entende-se por crianças institucionalizadas aquelas que, por algum motivo, foram separadas de seus familiares e residem em instituições que outrora eram conhecidas com orfanatos. **Objetivos:** i. produzir um levantamento de literatura sobre aquisição de linguagem e desenvolvimento infantil em termos de comparação da aquisição e desenvolvimento da linguagem em crianças institucionalizadas e não-institucionalizadas; ii. observar em que áreas do desenvolvimento linguístico, lexical e gramatical (fonológico, morfosintático e semântico-pragmático) são relatadas as maiores diferenças no processo de aquisição entre os grupos; iii. analisar os achados destes estudos e promover uma discussão à luz das teorias psicogenéticas para aquisição de linguagem. **Metodologia:** A pesquisa de caráter bibliográfica, sistematiza os dados empíricos aplicados em quatro estudos nacionais e internacionais que investigam por meio de pesquisas em campo o desenvolvimento linguístico de crianças em ambiente institucional comparado ao desenvolvimento linguístico de crianças fora desse contexto. São eles: Nobrega e Minervino (2020); Misquiatti *et al.* (2020); Ralli *et al.* (2017); Windsor, Glaze e Koga (2007). **Resultados:** Nos resultados, podemos observar que crianças institucionalizadas apresentam baixo rendimento em todos os níveis linguísticos analisados referente a aquisição de linguagem, quando comparadas com crianças que residem com seus pais biológicos. Esse fato pode ser observado em todos os estudos apresentados, independente do país e da metodologia dos testes aplicados. **Discussão** Para a discussão teórica, a partir dos resultados observados no levantamento bibliográfico, a pesquisa abordará a teoria psicogenética e materialista dialética de Henri Wallon, que considera a díade genética/afetividade a conjunção para o desenvolvimento da inteligência e, por consequência, da linguagem (WALLON, 1942, 1972, 2010) e de Noam Chomsky que considera que a linguagem é inata ao ser humano e que independente do meio, se houver condições adequadas, a linguagem acontecerá por maturação dos processos biológicos (CHOMSKY, 1986, 2009).

**Palavras-chave:** Aquisição de linguagem; crianças institucionalizadas, levantamento bibliográfico.

### 1 INTRODUÇÃO

No Brasil, segundo dados do Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento (SNA) do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), cerca de 30 mil crianças aguardam por um lar em instituições públicas ou lares provisórios (CNJ, 2022).

Siqueira *et al.* (2011) apontam que, no Brasil, ao contrário de outros países, os estudos que dizem respeito à institucionalização e à reinstitucionalização são raros. De acordo com Moreira *et al.* (2013, p. 71), essas defasagens de dados impactam diretamente no desenvolvimento de políticas públicas para aprimorar as ações que possam viabilizar a

reintegração dessas crianças na sociedade.

Esses déficits costumam aparecer no decorrer da vida escolar da criança institucionalizada. Dessa forma, além de todo estigma que carregam pela impossibilidade de viverem junto a seus pais biológicos e familiares<sup>1</sup>, de serem colocadas à margem da sociedade por políticas públicas impróprias e insuficiente para a inserção de maneira adequada à nova família, do custo de ter que se acostumar com uma nova realidade social, cultural e afetiva do novo lar, quando há essa circunstância, é necessário lidar com as dificuldades escolares.

A fim de contribuir para amenizar este cenário, apresentamos a seguir os objetivos desta pesquisa:

- i. produzir um levantamento de literatura sobre estudos comparativos em aquisição e desenvolvimento da linguagem em crianças institucionalizadas e não- institucionalizadas;
- ii. caso se apresentem diferenças, observar em que áreas do desenvolvimento linguístico, lexical e gramatical (fonológico, morfossintático e semântico-pragmático) são relatadas as maiores diferenças no processo de aquisição entre os grupos;
- iii. analisar os achados destes estudos e promover uma discussão a luz das teorias psicogenéticas para aquisição de linguagem e da teoria inatista de Noam Chomsky.

Para tal, partiremos de quatro estudos nacionais e internacionais que investigam por meio de pesquisas em campo o desenvolvimento linguístico de crianças em ambiente institucional comparado ao desenvolvimento linguístico de crianças fora desse contexto. São eles: Nobrega e Minervino (2020); Misquiatti *et al*, (2020); Ralli *et al* (2017); Windsor, Glaze e Koga (2007).

## 2 MATERIAIS E MÉTODOS

Na primeira pesquisa que iremos investigar e, sendo está uma das poucas recentes pesquisas brasileiras sobre o tema, Nóbrega e Minervino (2011) comparam o desenvolvimento da linguagem de crianças institucionalizadas com crianças socialmente desassistidas, mas residentes com suas famílias biológicas. A pesquisa foi solicitada à UFPB pela 1ª Vara da Infância e Juventude da Comarca de João Pessoa e desenvolvida por duas psicólogas. Seguindo a abordagem da interação social e baseada na teoria construtivista de Piaget, as autoras demonstram como crianças que criam vínculo com seu cuidador, apresentam léxico maior, mesmo em classes sociais baixas.

Misquiatti *et al* (2015), em pesquisa realizada no Brasil, com 16 crianças em idade escolar, compara o desenvolvimento da linguagem entre três grupos: crianças que residem com seus pais biológicos e são estudantes de escola pública, crianças residentes com seus pais e são estudantes de escola particular e crianças institucionalizadas que frequentam a escola dentro da instituição em que residem. Neste estudo, também é possível constatar o desempenho inferior linguísticos das crianças institucionalizadas. Windsor, Glaze e Koga (2007), trazem à luz a realidade das crianças romenas nascidas durante ditadura governamental, em um momento em que as políticas públicas incentivavam a reprodução humana quase em uma escala industrial, e discute como essas crianças, submetidas a torturas físicas, psicológicas e até sexuais, desenvolveram a linguagem sem o fator afetivo de seus pais biológicos ou de tutores com os quais pudessem criar vínculo em seus primeiros anos.

Mesmo em um contexto diferente das pesquisas brasileira, a pesquisa aponta para um menor desempenho linguístico das crianças institucionalizadas em todos os itens analisados.

---

<sup>1</sup> A lei brasileira define que, antes de serem institucionalizadas, devem ser esgotadas as possibilidades da adoção da criança por um parente consanguíneo próximo. (LEI 12.010 de

03 Agosto de 2009)..

Windsor, Glaze e Koga (2007), trazem à luz a realidade das crianças romenas nascidas durante ditadura governamental, em um momento em que as políticas públicas incentivavam a reprodução humana quase em uma escala industrial, e discute como essas crianças, submetidas a torturas físicas, psicológicas e até sexuais, desenvolveram a linguagem sem o fator afetivo de seus pais biológicos ou de tutores com os quais pudessem criar vínculo em seus primeiros anos.

Mesmo em um contexto diferente das pesquisas brasileira, a pesquisa aponta para um menor desempenho linguístico das crianças institucionalizadas em todos os itens analisados.

Por fim, em estudo realizado na Grécia, país com políticas públicas mais eficazes para crianças institucionalizadas em comparação com o caso romeno, por exemplo, Ralli *et al* (2017) expõem a mesma situação: crianças institucionalizadas gregas também demonstram déficits no desenvolvimento linguístico quando comparadas a crianças que residem com pais biológicos ou tutores afetivos.

Deste modo, os resultados demonstrados pelas pesquisas evidenciam que, independentemente do país e das situações diversas que a instituição proporciona ao infante institucionalizado, comparativamente há déficits linguísticos gerados pelo pouco ou nenhum convívio com os pais biológicos ou um cuidador com o qual o vínculo afetivo é estabelecido no período cognitivo em que a aquisição da linguagem se dá.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os fatores observados nos resultados dos estudos que compõem o *corpus* desta pesquisa apontam, primeiro, que há atraso em relação ao desempenho linguístico das crianças institucionalizadas. Particularmente, para essa conclusão, assumimos que esse fato reside na menor exposição à interação social e a afetividade.

Dentro de uma perspectiva materialista dialética das teorias psicogenéticas, o médico Henri Wallon destaca em seus estudos, a importância da afetividade e da interação social para o desenvolvimento da inteligência e, conseqüentemente, da linguagem.

Segundo o autor, anteriormente à fala, a criança se utiliza das emoções para se comunicar com os adultos e seu entorno. A isto, Wallon dá o nome de pré-linguagem e ocorre no estágio primitivo do desenvolvimento infantil e, paulatinamente, evolui para estágios em que as atividades psíquicas amadurecem.

Embora Wallon divida o desenvolvimento cognitivo das crianças em fases, diferentemente de Piaget (PIAGET, 1999), esse processo ocorre descontinuamente e é, acima de tudo, um processo social.

Para Wallon, desde o nascimento a criança, devido sua incapacidade de sobreviver sem a ajuda de um indivíduo mais experiente, ela é um ser que interage diretamente com a cultura e com a sociedade ao qual está sendo exposta, dessa forma, é inconcebível a dicotomia do desenvolvimento psíquico com a reciprocidade entre funções biológicas e funções sociais. A significação de suas ações, inicia-se logo após o seu nascimento e seus primeiros comportamentos “exprimem já o reflexo das relações à que a palavra e o dom de imaginar as coisas servem de instrumento indispensável nas relações humanas” (WALLON, 1942, p. 133). A linguagem na teoria walloniana, embora seja motivada desde o momento do nascimento, inicia-se de forma concreta na fase sensório-motor. Esta fase é caracterizada pelo movimento e pelo suporte da representação, ou seja, é quando a criança passa a manusear objetos, mas não de forma analítica e sim, de forma intuitiva a modo de testar características como tato, audição e visão.

Essas interações instintivas em diferentes sinergias vão resultar no que o autor chama de inteligência prática ou inteligência das situações, sendo estas soluções encontradas pelo bebê sem haver verbalizações, mentalização do conceito ou intuição.

Dessa forma, a linguagem é empregada pelas crianças como forma de identificação e localização dos objetos por meio de uma atividade chamada projetiva, isto é, a representação de algo intrinsecamente ligado ao gesto que a estimula (ideomovimentos).

No entanto, os ideomovimentos não são as representações (inteligência discursiva). Essa passagem da inteligência prática para a discursiva é um processo mais complexo que exige o amadurecimento das estruturas anatômicas e funcionais. O amadurecimento das estruturas, por sua vez, ocorre por meio do conflito em que a criança evolui do simbolismo concreto, elaborada por ela mesma, para um signo abstrato e social.

Wallon afirma que estes conflitos são resolvidos pela criança por meio da interação dela com o ambiente social em que está inserida. Uma vez que a criança resolve o conflito e evolui do símbolo concreto individual para o signo abstrato e ao se apropriar destes signos, a linguagem inicia-se por uma sequência de movimentos de imitação.

A partir deste momento ocorrido, geralmente, até o final do segundo ano de vida, a linguagem passa a fomentar a construção de estruturas de enunciação proporcionando o pensamento categorial.

Em uma perspectiva diferente da assumida por Wallon para a aquisição da linguagem, Chomsky afirma que a criança possui mecanismos biológicos que a permitem adquirir a linguagem (*language acquisition device*) em contextos ambientais diversos, desde que não exista ausência de *input* linguístico. Segundo Sena e Gomes (2015 p. 560), “a criança recebe o *input* da linguagem do adulto, analisa-o e escolhe a regra fazendo apagamentos, inversões, substituições, acréscimos, negações e afirmações de acordo com sua intenção e necessidade”.

Assim como Wallon propõe estágios para o desenvolvimento afetivo, Chomsky também propõe que o desenvolvimento da linguagem se dá por estágios. O autor defende que o desenvolvimento linguístico acompanha a maturação do sistema nervoso central da criança. Diferente do aspecto enfatizado por Wallon, para o gerativismo, o tipo de interação com o ambiente não interfere nas propriedades de seu sistema gramatical, desde que o indivíduo esteja exposto a um ambiente de linguagem (RAPOSO, 1992. p.46).

A teoria de Chomsky, por ainda estar em desenvolvimento, gera diversas discussões sobre a natureza do conhecimento e do desenvolvimento da linguagem no campo da linguística e da psicolinguística. Desde sua publicação inicial, na década de 50, muitos são os pesquisadores que tentam corroborar ou anular sua teoria.

Sobre a interação social, o gerativismo, parte do princípio que o conhecimento da língua é algo inato à mente humana. A teoria defende que a fala do adulto direcionada à criança é limitada, dessa forma, não seria possível a total explicação do desenvolvimento da linguagem somente pela experiência externa com a língua (CHOMSKY, 2009).

Para Chomsky, a linguagem é uma função natural da organização mental ocorrida, em hipótese, por uma mutação genética e a interação, que para o interacionista se dá entre sujeito e espaço, para o gerativista está no estabelecimento de interfaces do sistema cognitivo que culminam na produção linguística pelas representações semânticas e fonéticas. Assim, “é natural esperar uma relação íntima entre as propriedades inatas da mente e as características da estrutura linguística; pois a linguagem, afinal, não tem existência fora de sua representação mental” (CHOMSKY, 2009 p. 164).

O objeto de estudo da teoria gerativista divide-se em dois focos: a língua -I e a língua-E. Segundo o teórico

a língua-I, vista como um objeto interno (propriedade da mente-cérebro dos sujeitos), individual (estado mental do indivíduo) e intencional (mecanismo finito). A língua-E, em contrapartida, é de caráter externo (supraindividual) e extensional (conjunto de enunciados ou atos de fala), cuja abordagem é frutífera apenas para aqueles pesquisadores que desenvolvem estudos na interface língua-sociedade (CHOMSKY, 2009).

Em forte oposição aos comportamentalistas, Chomsky aponta três argumentos destabilizadores da teoria behaviorista (MELO, 1999, p. 25-53): a criatividade linguística, a pobreza de estímulo e a lógica da aquisição.

#### 4 CONCLUSÃO

Com o intuito de trazer à luz conhecimentos a respeito da aquisição de linguagem em crianças institucionalizadas em comparação a crianças que não foram institucionalizadas, este estudo baseou-se na metodologia exploratória, que se pauta em estudos já publicados sobre o tema.

Para elucidar as considerações finais dessa pesquisa, resgatamos o problema central do estudo: como se dá a aquisição de linguagem de crianças institucionalizadas e como a afetividade pode impactar esse desenvolvimento?

Assim, ao analisarmos os dados coletados por Nóbrega e Minervino (2011) em que crianças brasileiras foram pesquisadas, notamos importantes diferenças em alguns aspectos linguísticos entre crianças que foram institucionalizadas e crianças que permaneceram o período integral em creches, mas retornavam a seus lares biológicos, caracterizando que, embora pequeno, o vínculo afetivo contribuiu para um melhor desempenho vocabular.

O estudo brasileiro de Misquiatti *et al* (2015), que faz a comparação do vocabulário de crianças institucionais que frequentam a escola pública com crianças que residem com seus pais biológicos e são estudantes de escola públicas e crianças residentes com pais biológicos, mas que frequentam escolar particular, também mostra que o primeiro grupo permanece em nível inferior de desenvolvimento vocabular e fonológico.

Em um dos estudos internacionais, Windsor, Glaze e Koga (2007) estudaram crianças romenas que foram abandonadas, em números demasiados, em lares sem o mínimo de condição de acolhê-las. Seu resultado mostrou, tal qual o estudo brasileiro, mas em níveis mais proeminentes, que as crianças institucionalizadas apresentam atrasos substanciais na linguagem. Entretanto, o estudo também analisa que crianças que foram para lares provisórios e, portanto, tinham um cuidador ou cuidadores individuais, passaram a progredir no desenvolvimento da linguagem.

Ralli *et al* (2017) também apontam em seus estudos com crianças gregas, que o fator afetividade pode influenciar para um desenvolvimento maior de linguagem, pois as crianças que residem com seus pais apresentaram melhores resultados do que os infantes institucionalizados.

Em relação aos objetivos propostos para o desenvolvimento deste estudo, temos o seguinte:

I. produzir um levantamento de literatura sobre aquisição de linguagem e desenvolvimento infantil em termos de comparação da aquisição e desenvolvimento da linguagem em crianças institucionalizadas e não- institucionalizadas.

Com o levantamento da literatura, foi possível constatar que crianças institucionalizadas possuem um menor desenvolvimento linguístico em todos os itens analisados, independente do país ou do método empregado.

É evidente, de acordo com os resultados dos estudos, que a interação social dos infantes, no primeiro ano de vida, impacta diretamente em seu desenvolvimento linguístico.

II. observar em que áreas do desenvolvimento linguístico, lexical e gramatical (fonológico,

morfossintático e semântico-pragmático) são relatadas as maiores diferenças no processo de aquisição entre os grupos.

Assim como descrito no item I, em todas as áreas do desenvolvimento linguístico, lexical e gramatical, as crianças institucionalizadas mostraram desempenho inferior. As áreas com maiores diferenças foram: produção de palavras, produção de consoante (NOBREGA E MINERVINO, 2011); designação por vocabulário usual (profissões, locais, formas e brinquedos), substituição de vocabulário (vestuário, animais, transporte, móveis, profissões, locais, formas e brinquedos (MISQUIATTI *et al*, 2015); número de palavras diferentes, tamanho médio dos enunciados em palavras, enunciados inteligíveis, número de consoantes, número de palavras, número total de consoantes (WINDSOR, GLAZE E KOGA, 2007); número de palavras, número de enunciados, número de substantivos e estruturas narrativas (RALLI *et al*, 2017).

III. analisar os achados destes estudos e promover uma discussão à luz das teorias psicogenéticas para aquisição de linguagem.

Para fomentar a discussão, foram apresentados argumentos referentes à aquisição de linguagem e sobre a importância da interação social sob duas óticas teóricas: a teoria psicogenética e materialista dialética de Henri Wallon, que considera a interação social como essencial para o desenvolvimento da linguagem e da inteligência e a teoria gerativista de Noam Chomsky que, defende que a linguagem é inata ao ser humano e, independente da interação do indivíduo, desde que ele seja exposto a um ambiente linguístico, irá desenvolver o conhecimento linguístico por meio da maturação biológica e da gramática universal.

## REFERÊNCIAS

CHOMSKY, N. **O conhecimento da língua, origem e uso**. Portugal: Editorial Caminho. 1986

(2009). *Linguagem e mente*. São Paulo: Editora UNESP

CNJ. Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento: Crianças Acolhidas. **Conselho Nacional de Justiça**. Brasília, 2022. Disponível em: [www.cnj.jus.br](http://www.cnj.jus.br). Acesso em: 12 fev. 2022.

MISQUIATTI, A.R.N. *et al*. Desempenho de vocabulário em crianças pré-escolares institucionalizadas. **Rev. CEFAC**, p.783-791, mai- jun, 2015.

MOREIRA, Maria Ignez Costa *et al*. As famílias e as crianças acolhidas: histórias mal contadas. *Psicologia em Revista*, v. 19, n. 1, p. 59-73, abr. 2013.

NÓBREGA, J. N; MINERVINO, C. A. S.M. Análise do nível de desenvolvimento da linguagem em crianças abrigadas. **Psicol. Argum**, Curitiba, v. 29, n. 65, p. 219-226, Jun 2011.

PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia**. Tradução: Maria Alice Magalhães D' Amorim e Paulo Sergio Lima Silva - 24º Ed. Rio de Janeiro: FORENSE UNIVERSITARIA, 1999.

RALLI, A. MELPOMENI, S.A.T. Language and Psychosocial Skills of Institutionalized Children in Greece. **The Open Family Studies Journal**, p. 76-87, Jun. 2017.

RAPOSO, E. Teoria da gramática: a faculdade da linguagem. Lisboa: Caminho, 1992.

SENA, F.V. GOMES, N.S. Aquisição de linguagem: uma abordagem gerativista. Revista Philologus, ano 21. Nº 63. Rio de Janeiro. set/dez. 2015

SIQUEIRA, Aline Cardoso; MASSIGNAN, Lucianna Tortorelli; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Reinserção familiar de adolescentes: processos malsucedidos. Paidéia, v. 21, n. 50, p. 383–391, set.-dez. 2011.

WALLON, H. **Do Acto ao Pensamento**. Lisboa: Moraes. 1942.

WALLON, H. **A Evolução Psicológica da Criança**. São Paulo: Martins Fontes, p.110-220. 2010.

WINDSOR, J., GLAZE. L. E; KOGA, S. F. Language acquisition with limited input: Romanian institution and foster care. **Journal of speech, language, and hearing research**. 2007. 1365–1381 p. Disponível em: [https://doi.org/10.1044/1092-4388\(2007/095\)](https://doi.org/10.1044/1092-4388(2007/095)). Acesso em: 10 fev. 2022.